

Deponente: José Maria dos Santos

Entrevistador: Fernanda Nalon Sanglard

Data: 20 de julho de 2017

FERNANDA: Oi, boa noite, Jose Maria, tudo bem?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Tudo bem.

FERNANDA: Aqui é a FERNANDA Samblar da CONVEMG. Jose Maria, eu queria saber se a gente tem autorização então para gravar o seu depoimento, para poder usar no nosso relatório?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim.

FERNANDA: Podemos usar, podemos gravar né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim, podemos gravar.

FERNANDA: Então tá ótimo, olha eu queria começar então. Hoje é dia 20 de julho de 2017, às 18h38min, o depoimento de Jose Maria, gravado por FERNANDA...

JOSE MARIA DOS SANTOS: JOSE MARIA DOS SANTOS.

FERNANDA: JOSE MARIA DOS SANTOS, gravado por FERNANDA Samblar. Então Jose Maria, eu queria começar pedindo para você se identificar o seu nome completo, a sua idade, quando e onde você nasceu, qual que é a sua profissão, essas informações?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Tudo bem. Meu nome é JOSE MARIA DOS SANTOS, eu sou natural de Miradoro, nascido em Miradoro né, eu sou de 02 de abril de 1957.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: A minha profissão eu sou lavrador, sou casado né, tenho três filhos, e sou pequeno agricultor.

FERNANDA: Tá ótimo, e hoje você vive onde?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Atualmente estou morando em Visconde do Rio Branco.

FERNANDA: Tá ok. E Jose Maria, a gente teve então a informação de que nos anos 80 né, você tinha um movimento com a questão sindical né, do movimento dos trabalhadores rurais, e que foi perseguido na região de Miradoro, eu queria que você contasse um pouco sobre isso, o início assim da sua luta, pelos direitos né dos trabalhadores, e tudo e como que culminou nessa questão da perseguição?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha, na verdade a gente começou a atuar na organização sindical, a partir de 84, em 1984 quando a gente começa a atuar de forma

mais ativa na comunidade de (trecho incompreensível) tinha alguma perspectiva nova dentro das comunidades, a gente tinha como foco um outro ponto de vista, na questão social né, o campo estava muito abandonado, não era protegido, uma série de lei trabalhista, direito de aposentadoria, direito do trabalhador desrespeitado, ia começar a discutir, debater esses problemas, na comunidade Guilherme de Bastos, surge a partir de alguma contradições, nas comunidades a necessidade de alguma ferramenta, de um instrumento que pudesse fazer pelo menos, dar um suporte, aos agricultores, aos trabalhadores, excluídos da sociedade na verdade né.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: O assalariado que não tinha os seus direitos respeitados, era parceiro que não tinha o seu direito respeitado, era arrendatário, no fundo era uma gama enorme de trabalhadores que não tinha os seus direitos respeitados.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Em 84 na verdade, estava finalizando a ditadura militar, só que ainda existia naquele período, um aparato muito forte, ou seja, a ideia do aparato policial local, aquela ideia de ditadura, de poder, acima das outras pessoas ainda era muito forte, portanto quando a comunidade Guilherme de Bastos começa, há na verdade uma percepção bastante ideológica contra aquela pessoa, e causa (trecho incompreensível) quando surge a ideia de construir uma ferramenta, e aí aparece uma primeira ferramenta organização sindical né.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: E aí o sindicato, ele aparece como uma ferramenta e seria na verdade uma irritação muito grande dos empregadores rurais, os fazendeiros, porque surge então aí, começa um instrumento não é que contrapunha o poder que esses fazendeiros tinham só para os trabalhadores, ou seja, essa ferramenta tinha como função, e como papel defender os direitos dos trabalhadores. Esse fazendeiro que nunca ter sido contrariado em seus desejos né, se sente ameaçado a partir da criação desse instrumento né.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: **FERNANDA**, se você tiver com alguma dúvida, você vai cortando.

FERNANDA: Tá ótimo, tá ótimo, pode falar que eu estou compreendendo direitinho.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Esta compreendendo né?

FERNANDA: Estou.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, a partir da criação do sindicato, se você levar em conta que Miradouro, a nossa justiça do trabalho, de Cataguases, aí você pega de Miradouro a Cataguases, você vai entrar em alguma coisa em torno de 150 quilômetros aproximadamente. Tá certo, lá na serraria há 20 quilômetros de Miradouro praticamente, empregado era 1% para entrar na justiça do trabalho, ou seja, tinha os seus direitos não a quem reclamar e nem como reclamar, era impossível para ele, ele não conhecia advogado, não conhecia justiça do trabalho, e ele não tinha nada disso né. quando surge o sindicato e aí aquela junção do trabalhador, a primeira coisa que ele passa a ter acesso à informação, esse é o grande gargalo né. o sindicato propicia a ele, essa informação que é o advogado, que é os seus direitos, e isso criou uma irritação muito grande na cidade, porque os fazendeiros se sentiram ofendidos na sua postura de autoridade né, porque ele mandava, ameaçavam, mandava perseguir, o trabalhador que procurasse a justiça do trabalho, não arrumar emprego em fazenda nenhuma, era ameaçado de morte, em alguns casos, parceiro que na verdade era só de fachada porque, ele era parceiro da palavra, mas trabalhava muito mais que mais forte do que a própria parceria, e a gente naquele período acabaram quebrando um pouco isso né. eu fui o primeiro presidente do sindicato, o sindicato foi fundado em 86.

FERNANDA: No sindicato de Miradouro né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: De 84 até 86, justiça do trabalho só de fazer o trabalho de reflexão, já causou um grande transtorno. E quanto isso o sindicato de 86 chega ao ápice da irritação dos proprietários.

FERNANDA: Então o sindicato de Miradouro foi criado em 86 né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: E aí uma criação de vários sindicatos mais ou menos no mesmo período né, porque o de Tomos...?

JOSE MARIA DOS SANTOS: É a mesma época.

FERNANDA: Aham.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Na mesma época, o que nos propiciou um aporte maior de organização, foi que a Mosoro da Serra, nos assessorava nessa época, não tinha um companheiro o Almir, da CPT de Mossoró da Serra, assessorava a gente, e aí acabou criando um vínculo de solidariedade entre sete ou oito sindicatos na região, que foi Muriae, Miradouro, Carangola, Higienópolis e isso acabou fortalecendo, porque a realidade de Miradouro é a mesma realidade de Muriaé, Carangola, município de

Carangola de todo um em torno, essa ideia de um sindicato fortalecendo o outro, acabou fortalecendo muito. Ta certo, Tomos foi criado na mesma época, os mesmos conflitos que aconteceu em Tomos aconteceu em outras cidades, em algumas cidades era mais acentuado né, em função da justiça da dinâmica da justiça do trabalho, por exemplo, algumas unidades era bem mais acentuada.

FERNANDA: Uhum, então esse movimento começa em 1984, com as comunidades eclesiais de base com apoio da CPT também, ate que se formaliza então o sindicato em Miradouro em 1986 é isso né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: E ai, depois de criado o sindicato você foi o primeiro presidente, como que foi essa questão da relação com a delegacia do trabalho, por exemplo, com os fazendeiros, como que começam essas ações de retaliação dos fazendeiros lá em Miradouro?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha, a partir da criação do sindicato, a gente tem algumas vitórias assim bem interessante. Uma das vitórias importante, era acessar a questão do INSS, mesmo que não tenha nada haver com a minha entrevista, depois você exclui na hora de fazer o relatório.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Mas para você ter uma noção do contexto.

FERNANDA: Ta.

JOSE MARIA DOS SANTOS: A gente não tinha acesso ao INSS, na época era INPS, FUNRURAL.

FERNANDA: FUNRURAL né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, toda essa questão. E isso começa acessando essa informações tivemos lutas muito importante para a questão da divida dos pequenos agricultores, automóveis do Brasil, e ai a gente começa chegar na orientação dos trabalhadores, tanto parceiro né, arrendatário e os assalariados que tinham na região. E como é que começa o conflito, uma serie de fazendeiros na região nunca tinha conversado com ninguém, nunca! Ninguém tinha tido, nem esclarecimento e nem coragem para poder consertar aqueles fazendeiros da região. E ai o sindicato, começa orientar e conduzir primeiro os direitos trabalhista, de uma proposta do sindicato, e isso cria uma irritação muito grande dos fazendeiros, que nunca tinha sido contrariado né. e ai começa as primeiras retaliações. Em 87, mais ou menos quando a gente começa ganhar as primeiras ações trabalhistas, começa primeiro ameaça

primeiro começa a exclusão da própria cidade, como que faz a exclusão na cidade, quando eu chegava na cidade, aquele pessoal que tinha alguma coisa, o pessoal maior já olhava o Jose Maria de forma atravessada né. eu não tinha muito acesso ao poder publico, porque é uma política questionadora né, era fazendeiro que estava com o prefeito, então não tinha acesso ao poder publico. A policia militar, por exemplo, a delegacia, esse pessoal também não tinha muito acesso porque, porque normalmente naquele período no pos-ditadura, primeiro porque a policia militar se sentia dona da cidade, não tinha ninguém para contestá-los, segundo o poder publico local estava sempre ligado aos fazendeiros, que era os fazendeiros que dirigia. Então eles tinham poder publico do lado deles, alguém que contrariasse esse direito, com certeza era injustiçado, então a gente não tinha o que falar com o poder publico.

FERNANDA: E você acha que não tinha, esse respaldo do poder publico, porque ainda era um resquício do pos-ditadura que estava muito próximo?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Da ditadura, era o resquício da ditadura sem duvida nenhuma! A ideia que esse poder publico tinha nesse período, é de que tinha o poder na mão, o poder político na mão que era o prefeito, que era vereadores, tinha o delegado, a policia militar que, portanto capacita outras pessoas, alguém contrario a esse principio, era considerado inimigo, ou seja, a primeira coisa que sentia era excluído dentro da sua própria cidade né, todo mundo olhando você de banda. Você ia a farmácia, o cara te olhava você de banda, esse cara é o agitador, cara é o agitador. Então começa a se sentir excluído dentro da sua própria cidade né, e quando foi em 88, final de 88 iniciando 89, começou as ameaças de fato né, a gente bem inocente do fato, puramente com as boas intenções não deu muito conhecimento não, a gente quando chega o final de 88 a gente passa a perceber que eram ameaças muito reais, e ai um período um fazendeiro, que chegou a procurar o meu pai e falou: “ou o seu filho sai dessa, ou ele vai amanhecer com a boca cheia de formiga”! então ficou um clima muito ruim, porque eu não quero que você fique em casa, nem a sua família, ai alguém vai lá na casa dos seus pais, vai ameaçar o seu filho, então ficou uma situação muito ruim, e ai a gente sentiu que realmente era uma ameaça muito real, e que a gente precisava tomar algumas medidas, não só com a gente, mas com todos os colegas né. tivemos toda uma mobilização na época, na época o Raul, o. fugiu o nome dele. Raul Messias.

FERNANDA: Como que era o nome?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Raul Messias.

FERNANDA: Raul?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Messias.

FERNANDA: Messias?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: Aham.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Ele era deputado estadual, então acabava tendo uma assembleia legislativa, a gente criou um espaço dentro da SETAEMG, então acabou fazendo uma mobilização grande e acabou inibindo um pouco, mas as ameaças eram muito reais, e a ponto da companheirada chegar à conclusão que eu teria que mudar da região por causa das ameaças né.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Então com a apoio da CBT eu acabei saindo do município né, eu fui para Barbacena, fiquei em Barbacena dois meses, depois eu fui para Viçosa a, com a minha família, fiquei com a minha família, e depois acabou se instalando aqui em Visconde do Rio Branco.

FERNANDA: Você já era casado na época?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim, eu casei em 79. Eu já tinha três filhos.

FERNANDA: Você já tinha três filhos na época?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim, eu já tinha três filhos. Esposa e três filhos.

FERNANDA: Uhum. E você chegou a sofrer algum atentado, alguma coisa que você tem conseguido como, por exemplo, que aconteceu com o Derli que teve uma emboscada para ele, alguma coisa assim ou não, você saiu antes que isso acontecesse?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha, deixa eu te falar, como a gente estava como os companheiros já estava com problema muito serio com o Derli né. o Derli chegou realmente a ser emboscado né, e ai houve a gente conseguiu, e a companheira conseguiu fazer uma mobilização muito grande né, inclusive em nível nacional, a CBT tinha uma influencia a nível nacional, e houve uma pressão muito grande no poder militar constituindo um município, e isso acabou inibindo um pouco né. mas eu sofri ameaça de espancamento, coercitiva de ameaça dês espancamento, houve dentro do próprio sindicato, de sorte estava com os companheiros que acabaram intervindo e não se consolidando né.

FERNANDA: Dentro do sindicato, quem entrou dentro do sindicato atrás do senhor?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Um tal de Jose de Paula, lá em Miradouro na época né.

FERNANDA: Jose de Paula?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Jose de Paula, eu não sei o sobrenome dele, só tinha um Jose de Paula.

FERNANDA: Ele era fazendeiro ou era jagunço?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Não, era um titica de terra. Era um titica de terra, aquela pessoa que estava ligado ao poder, é isso que eu estou falando, você que é da cidade grande né, não tem muito noção do que acontece na cidade pequena, cidade pequena todo mundo conhece todo mundo, que lá agora dez dois mil habitantes. Então um agitador, o Jose Maria era o agitador, porque todo mundo conhecia o Jose Maria né. na época era comunista, o agitador, todo mundo sabe quem é qualquer um que dói pelo fazendeiro, tinha uma ligação com o fazendeiros, ao ver José Maria ou ver qualquer atuação, já não queria logo papo, então não queria falar nele. Mas algum dia foi coisa nenhuma né, foi muito mais àquela intenção de dar uns tapas, ou de fazer pressão ao Jose Maria, e depois sair gabando aquele troço do que ele ter guerra na verdade ne.

Uma ação era uma coisinha a toda, não era coisa de vulto né, eu já tido ações lá com muito mais vulto, com muito mais impacto né.

FERNANDA: Uhum, e ai esse senhor que o senhor falou o Jose de Paula então, foi ao sindicato e ai chegou lá ele ameaçou o senhor de que, como é que foi ele estava armado?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Espancar.

FERNANDA: Ele estava com faca?

JOSE MARIA DOS SANTOS: É.

FERNANDA: Ele estava com faca?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Não, de espancar.

FERNANDA: Ah, ele queria te agredir, mesmo fisicamente o senhor?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Agredir, agredir mesmo.

FERNANDA: Entendi. E ai foram outras pessoas que contiveram ele lá né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Exatamente, por sorte que o companheiro Muriaé, que a gente chamava de Muriaé, que virou companheiro nosso né.

FERNANDA: Que virou prefeito?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Hein?

FERNANDA: É o Jose Maria Pinto que virou prefeito depois?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, isso mesmo. e aí o José Maria acabou contendo o rapaz, e depois o rapaz saiu, e foi embora e foi uma pressão psicológica, foi uma coisa muito complicada viu. Que a pressão psicológica do pós-ditadura foi muito forte foi muito forte! Na cidade interior foi muito forte a pressão psicológica, de mandar recado, de, por exemplo, na época do meu pai, foi um golpe muito forte para mim porque eu tinha, eu estava convicto que eu estava fazendo o bem para a sociedade né. então eu tinha muita convicção o que eu queria, e fazer essa defesa dos trabalhadores para mim era uma coisa muito importante, então eu sou uma pessoa muito clara do que eu queria, não tinha surto de assumir essa convicção e isso acabou me expondo muito e expondo a minha família né.

FERNANDA: Uhum. E essa outra ameaça que o senhor falou que levou mesmo o senhor a se mudar que foi essa que seu pai recebeu né, quem que era o fazendeiro que foi procurar o seu pai, você lembra o nome?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Era um tal de David Campos.

FERNANDA: Como?

Já é falecido já. Dadi Campos.

FERNANDA: Dadi Campos?

JOSE MARIA DOS SANTOS: É hoje ele já é falecido já.

FERNANDA: Soletra para mim, da, di?

JOSE MARIA DOS SANTOS: É. Dadi, eu sei o apelido dele, na verdade eu não sei o nome dele sabe.

FERNANDA: Aham, e o sobrenome é Campos, cam, pos?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, o sobrenome era Campos, né Dadi Campos. Esse Dadi foi até o meu pai e falou manda o seu filho parar, na verdade tinha uma ação contra ele, mas era uma coisa pequena também. não era muito grande, o problema era quebrar o orgulho dele. esse que era o problema.

FERNANDA: E essa ação era por quê? Era questão trabalhista, era questão de disputa de terra?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Trabalhista. Era questão trabalhista.

FERNANDA: Oh José Maria, eu não sei vê se eu consigo compreender a questão do contexto corretamente, há uma diferença da zona da mata então para a região norte do estado de Minas, bem significativa nessa questão. Enquanto no norte a maioria dos conflitos eram relacionados à questão de disputa de terra por posseiros que eram expulsos e tal, e por essa questão da reforma agrária mais especificamente, aqui na

zona da mata, parece que a questão mais importante era a questão dos direitos trabalhistas não é isso?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim, não tenha dúvida disso!

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Incluindo aí direitos sociais, mas direitos sociais era é uma questão mais jurídica, não tinha muito ameaça, mas o movimento do INSS ia para a discussão do INSS com o diretor do INSS, e era um conflito mais jurídico, o problema nosso era a ação trabalhista, já tinha de Miradouro a Cataguasense eu agora de có não me lembro, mas alguma coisa próximo a 100, 150 quilômetros, não era muito longe, uma precariedade, o meio de transporte de Miradouro a Cataguases, para uma ação trabalhista era uma coisa parece que impossível para o trabalhador, e na zona da mata, sempre foi muito restrito o número de justiça do trabalho, se você for pegar, por exemplo, o caso de Derli que vai ser bastante parecida, a questão dos fazendeiros, a questão dos direitos trabalhistas, se você for pegar alguém de Carangola vai parecer, Vieira, no meio vai aparecer essa questão trabalhista. Eu não sei se o Derli, deixa dar entrevista dele.

Deixa, deixa sim, ele também chegou a comentar sobre isso.

FERNANDA: Diga.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Agora você podia fazer a inversão, agora você podia fazer os questionamentos que interessa.

FERNANDA: Sim. O que eu... outra coisa que eu queria saber mais especificamente, é o senhor mencionou então que o sindicato começa em 86 né. Em 86 é o ano da morte daquele senhor o Antonio Ribas não é isso, que é um dos catetes. Depois de ter matado essa família, ter matado... A gente encontrou alguns documentos na CPT e tudo, que fala que desde a chegada da família Ribas em Miradouro, os trabalhadores rurais foram muitos perseguidos e houve muitas mortes, parece que mais de 10 mortes atribuídas a essa família. A partir dos anos 70 e até 86 e com a morte com um desses irmãos parecia que ia acabar mais aí outras mortes também foram registradas em retaliação. Eu queria saber se o sindicato atuava de algum modo também em relação a isso, a partir do momento que foi criado ou até mesmo com a CPT, com trabalho da ASEB de início e tudo, se isso era divulgado para outras instituições, se tinham ações também nesse sentido com a participação do sindicato?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Deixa eu te falar, primeiro não, porque não tinha ação do sindicato, para esse conjunto de mortes da família catetes, cadete não, esta certo. Não pode confundir que tem uma família que é (incompreensível) família cadete.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha o meu conhecimento da família cadete.

FERNANDA: Aham.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Certo, olha como que... o meu conhecimento da família cadete é o seguinte. A família cadete, ela estava embasada acima do monte Alverne. Monte Alverne é um distrito de Miradouro, entre Miradouro e Araponga, existe um topo de serra, um lugar mais fechado, em que essa família cadete alojou nessa região, mas na verdade não sei nem aonde que é, que essa família esta alocada em cima desse topo de serra, eu sei que naquele intermédio ali, ta certo.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Depois do Monte Alverne, essa família cadete, ela tanto atuava de maneira violenta para Hervalia, como Araponga, como em Miradouro, na época pre-fundação do sindicato, essa família cadete, começou a apoiar o poder local em Miradouro e eles inclusive em cadete, eles se sentia protegido pelo poder político local na época, era o Nico Dias que era o prefeito de Miradouro ta certo.

FERNANDA: Qual que era o nome do prefeito?

JOSE MARIA DOS SANTOS: O prefeito na época era Nico Dias.

FERNANDA: Nico Dias?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, que é um apelido, também não sei o nome correto dele.

FERNANDA: Ta não tem problema.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Só lembro que era Nico Dias.

FERNANDA: Ta, o senhor lembra se ele... so podia ter dois partidos na época né, o Arena e o MDB, você lembra que partido ele era?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Ele era do Arena.

FERNANDA: Da Arena. Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso. E ai o Antonio cadete, um certo período, a comunidades estava em formação esta certo, então tinha toda uma movimentação muito grande da comunidade, então algumas pessoas já começou a se incomodar com essas reflexões né. Eu costumo brincar, hoje eu estou cursando faculdade agora depois da família esta crescida né. E

FERNANDA: Aham.

JOSE MARIA DOS SANTOS: E a gente começa a lembrar o seguinte, na verdade no período de reflexão que a gente fazia, ai depois de 80, nos anos 80, era o método Paulo freire, hoje que eu sei que método que a gente usava naquele período, já estava usando o método que eu nem sabia que método que era. Que era (incompreensível) e desenvolvia toda a zona rural e isso incluía Hervalha, Araponga, Miradouro, e a gente sabia que essas reflexões mexia com algumas pessoas mais exaltadas e essa família cadete, esse apoio cadete especialmente, em mais alguns irmãos dele, se sentia bastante provocado, não sei se esse é o termo, talvez incomodado com essas reflexões de comunidade muito próxima da casa dele. E ai ate o que eu sabia a atuação dele, mais no sentido de eliminar talvez inimigos pessoais, alguma coisa desse tipo. Mais isso acabou causando um terror muito grande, na região do Monte Alvergue, por quê? Porque primeiro eles tinham coragem de matar mesmo, tinha capanga e matava com requinte de crueldade, por exemplo, houve um caso em que atiraram na vitima, e depois arrastaram a vitima de carro, assim com requinte de crueldade. E como eles estava focado, estava muito bem armado, acabava não intervindo com eles. E ai essas reflexões na comunidade, por exemplo, o com o Petote, estava na comunidade do Alvergue, e o processo de reflexão, eu sei que ele chegou a nessa comunidade e ele sabia que o Petote ele era do local né, e eu sei que ele fechou a comunidade e ficou ameaçando as pessoas, inclusive o Jose Dote, ameaçando de bater, não sei se chegou bater alguma coisa.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: E ai assim, a coisa ficou bem critica porque a gente sabia que ele tinha capangas, e que houve uma serie de mortes lá, nessa região que teve um período que ninguém saia à noite, Monteovene, madeira, alegre, essa parte decida ali da serra ali, próximo a Miracondo aquela área ali, aquela divisa ali, ninguém rigorosamente saia à noite. Sem encontrar com um o carro na estrada, podia pular para o meio do mato que podia ser o cadete. Virou um terror na época, virou um terror esse negocio, mas diretamente dentro do sindicato não teve uma (incompreensível) diretamente com ele. Lógico que acabava aparecendo, e quando a policia, por exemplo, no meu caso a policia fez... houve uma pressão nacional assembléia, questionar o delegado, e ele sentiu que o delegado, o poder policial sentiu que havia todo um poder que estava se articulando né, foi um período de terror. Foi um período de terror, porque a gente sabia que eles matavam mesmo e não... contar com a policia

ia prender, que o judiciário ia condenar, isso que funcionava, foi um período muito ruim.

FERNANDA: Ta isso que eu queria te perguntar, essa questão da relação desses poderes com essas famílias, porque assim, como eles matavam tanta gente, ameaçava, e criava uma regra própria da cidade, sem ter como olhado o poder local, ou seja, não havia punição entre as policias, eles tinha...

JOSE MARIA DOS SANTOS: Não!

FERNANDA: Os policiais militares da cidades de Miradouro, etc. eles eram... Próximos, eles serviam a essa família também?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Deixa eu te falar, teve uma eleição no Miradouro ele estava com o a prefeito para baixo e para cima, o prefeito, ele se sentia ate protegido por ele.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Nico Dias, ta certo, porque esse cara tem um monte de gente que tem medo dele, que (incompreensível) por medo dele, e ele sentia ate apoiado pelo cadete né, ele se sentia apoiado por essas pessoas.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Eu costumo contar uma coisa assim, eu já nasci em 57, ou seja, eu já nasci na pre-ditadura né, então todo o meu ensino básico né, ate a 4ª serie, um período da ditadura, não sei por que havia uma serie de coisas que me deixava muito intrigado dentro desse processo, por exemplo, a gente sempre foi bastante carente ta certo, a gente tinha uma condição financeira, no fundo era bastante, tinha muita dificuldade. E ai eu me lembro de um vereador ate hoje, isso já estava com uns 12 anos, por volta de 57,67, nos anos 70, por exemplo, eu vivi isso, na minha mente, eu era moleque 12, 13 anos, e tinha ido buscar um leite na casa de um vizinho e a gente supria com inflação, com muita dificuldade, e ai eu vi esse vereador ele fazia questão, mas desculpa a expressão ser utilizada aqui.

FERNANDA: Não, pode falar.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sofrendo, ninguém fala ninguém conta nada, e ai eu me lembro disso ate hoje né, era um conhecido nosso, era gente boa, virou para mim falou assim: Meu filho, não fale isso não, que se o governo souber que você esta falando isso, você vai ate preso. Isso ficou marcado para mim, porque eu vou ser preso, eu estou sofrendo e não posso falar nada! Isso é uma zona rural, você imagina como que era a situação era nos centros urbanos né. E ai eu cresci vendo essa

situação da ditadura, mesmo morando na zona rural, a gente cresceu vendo essa situação né, e aí com o fim da ditadura em 84, o aparato que tinha sido criado ainda era muito forte, ainda era muito forte, e perdurou por muitos anos entendeu aprovação do nosso sindicato, então surgia uma vez por semana a polícia militar estava lá querendo saber quem era o presidente, quem era assessoria, quem não era, se deixava de ser, ia ter um movimento da polícia militar queria saber para que fosse isso era sufocado o período da ditadura, isso deve ter sido extinto 84. 85,86 qualquer coisa, você tinha os movimentos na cidade e qualquer coisa, a polícia já estava pra cima lá queria saber o porquê, tinha que pedir autorização, tivemos casos, por exemplo, de uma manifestação nossa dos trabalhadores né, agricultores, trabalhadores, em que a polícia parava no peito, e aí tinha sido autorizado o deputado Raul Dias que era deputado estadual na época, ele já conhecia de lei, de autoridade, e vai lá e intervêm, com autoridade, que tinha de parlamentar né. Então na época o bicho pega. E essa família tinha todo esse poder e a polícia jamais prendia uma família cadete, prender um cadete. O noticiário anuncia a morte era denunciada, todo mundo sabia que era a família cadete, a polícia civil não tinha nem coragem de ir lá investigar né. Tanto é que eles matavam nas três cidades. Eles moravam na junção entre Araponga, e Miradouro, tinha crime da família cadete lá pro lado de Miradouro, tinha crime da família cadete para o lado de Araponga também.

FERNANDA: Uhum, então era Araponga, Ervalha e a localidade de Monte Alverne, Né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Certo.

FERNANDA: Entendi. Agora o senhor comentou Jose Maria, sobre um caso específico, de uma morte que você falou que é com requinte de crueldades que eles mataram o corpo e jogaram na estrada?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha antes de se tratar do corpo do Jose eles que pegavam o pai e o filho, inclusive nesse caso eu fui ver os dois.

FERNANDA: Era o João Dias Pais, e o Wantoiu Dias nesse caso?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, a Tereza deve ter falado disso.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, isso. A teve deve já deve ter falado isso né?

FERNANDA: Sim, falou.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso. A Tereza com certeza deve ter falado isso, então a Tereza com certeza falou com mais detalhe que eu ta certo. Porque a Tereza, a família da Tereza, coitada, chega um tempo que não conseguia dormir, não conseguia

dormia, o pai da Tereza tinha terra lá para cima, era uma senhorinha muito forte, conceituada e tal, e criou uma rixa, com o cadete, em função da questão das comunidades, e o Dote quanto pai, acabava assumindo a essa época da comunidade.

FERNANDA: O tote era o pai ou era o filho?

JOSE MARIA DOS SANTOS: O Tote era o pai, Jose Tote e filho dele.

Então espera ai, Jose Tote é filho, e qual que era o nome do pai então dela?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Tote, o nome dele eu não sei, eu estou te falando apelido porque a gente é boa parte dessas pessoas, era pelo apelido né. Jose Tote é irmão da Tereza né.

FERNANDA: Entendi, só para não confundir na hora que eu for escrever que ela me falou o nome completo, mas ai a gente pode usar apelido também como as pessoas mais conhecem né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim.

FERNANDA: Ai depois eu confirmo com ela.

JOSE MARIA DOS SANTOS: E com certeza a Tereza falou com mais detalhes que eu. Você olhava o povo lá.

FERNANDA: A Tereza era muito nova na época, então com certeza ela não lembra na época, o irmão era mais velho, então ela não se lembra muito dos nomes e tudo, os nomes depois nos conversamos, mas assim, ela não se lembra de muitas coisas por conta disso, ela já pegou um período final, já no fim depois dessa época né. Que ela já foi ate presidente do sindicato né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Não foi, foi.

FERNANDA: Mas isso já foi no período final, então ela lembra, ela disse para mim que ela foi muito nova também que lembra pouco, mas o pai dela que seria. Mas o pai dela que seria, mas o pai dela ela falou que esta bem debilitado.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Ta, não tem menor condição de dar nenhum depoimento.

FERNANDA: Os nomes que eu te falei, do Vantuiu e do João Dias, a gente fez uma pesquisa dos arquivos do CPT, da SEDEFES, de varias instituições e ai eu consegui né, uns casos, alguns casos a gente conseguiu delimitar quem eram as pessoas, os suspeitos, os executores e tudo, e ai tem esses nomes, desse pai e desse filho.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim, foi um crime assim, que chocou nessa época né. Chocou na época esse crime.

FERNANDA: E aí pelo que você lembra da época então eles foram mortos e largaram eles na estrada é isso?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Isso.

Mas assim foram mortos a tiro, foram espancados, você lembra disso, porque isso não diz na reportagem.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Olha a única coisa que eu lembro é o seguinte, eu não lembro se eles foram amarrados nos carros e a informação que eu tinha que eles foram amarrados num carro, arrastado na estrada tá certo.

FERNANDA: Hum, entendi.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Mas eu não lembro se ele levou um tiro antes, se eles foram espancados, eu lembro que foi com requinte de crueldade, para a época lá, você amarrar alguém no carro e arrastar era uma tortura inconcebível né. Então aí depois foi sacrificado depois, lá com o tiro de misericórdia, não sei, eu sei que foi assim um homicídio duplo que apavorou a cidade, foi pavorosa nessa época.

FERNANDA: Uhum, e aí...

JOSE MARIA DOS SANTOS: A gente tinha notícia de tiro, tocaia, mas isso era bem comum, fiquei bem assustado com esse negocio de tocaia, doleiro tocaiaando o outro, fiquei bem assustado com isso.

FERNANDA: Uhum. E no caso, você lembra de outras vítimas deles lá da região, Jose Maria?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Não lembro. Não, não lembro. Não lembro, eu só lembro do terror, do terror. Porque o terror foi o seguinte, chegou um período assim, a gente morava em um lugar mais longe, eu morava na cidade de Cabal, era um lugar que a gente lidava, e isso era bem longe das comunidades que eles lidavam, o terror era tanto que a até a gente das comunidades mais longe não (incompreensível) filha.

FERNANDA: Uhum.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Quietinho em casa, se alguém chegasse levando você em casa, ninguém saía pra fora não.

FERNANDA: Entendi.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Todo mundo ficava quieto em casa, porque a informação que ele tinha que além de matar, tomava também, então se chegasse para roubar, alguma coisa assim roubava e a gente não se arriscava não.

FERNANDA: Uhum, e não era só um, é a família, os irmãos.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Era a família, não era um, era família, não sei o nome dos irmãos, era vários irmãos, tanto que Miradouro era dois irmãos, Antonio cadete, e Antonio Moreira.

FERNANDA: Antônio Cadete e Antonio Moreira?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Eu não lembro o outro irmão dele, eu sei que o Antonio Cadete, era ele e um outro irmão que estava sempre no Miradouro, (incompreensível) então pessoa que não tinha uma ligação muito forte com ele, a gente tinha o pavor do cadete de imaginar o cadete batendo na porta da gente a noite só isso.

FERNANDA: Uhum entendi. E o pai também, o pai dessa família também executava ou só era os filhos mesmo?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Deixa eu te falar, na verdade como eu não conheci o tronco da família, assim a família, todos da família, não sei te falar se é pai e filho nessa época, quantos irmãos que era o trem era tão assustador, que a gente não tinha muito... eu particularmente não tinha esse conhecimento sabe.

FERNANDA: Uhum. Agora ficava claro para vocês na época, que esses crimes tinham relação com do poder exercido na época, na região, ficava claro essa relação com o governo, isso depois já refletindo sobre isso que vocês conseguem perceber que aquilo ao era crimes individuais, ou questões pessoas só?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Na época, a impressão que a gente tinha na época, que era uma disputada, era uma disputa, confrontante, conflito próximo, a impressão que a gente tinha na época que era uma relação de briga de vizinho, ou de entrevero mais próximo né, tanto é que eles falavam que alguns, por exemplo, a família Neiva que era Hervalia e Araponga, segundo informação que a gente tinha que havia um conflito entre a família cadete e a família Neiva, que ficava entre Araponga e Hervalha, que havia uma disputa, ou seja, de terra, ou de que era, entre essas duas famílias, e isso acabou afetando a família cadete da ideia desse poder das armas né. O poder das armas que, portanto eles podia mandar arrasar pequeno, feito o velho oeste, alguma coisa nesse sentido, essa era a impressão que a gente tinha.

FERNANDA: Entendi.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Depois que houve uma série de reflexões que a gente acabou percebendo de uma aproximação deles com o poder local, ou seja, que a gente começou a ter uma outra visão, e imaginar que além dessa disputa, ou seja, que talvez a ideia dele de chefe de crime, tivesse dado a ele o poder, que a outra pessoa tivesse se afastando de medo e, portanto estaria usando dessa imagem de terror né, para que as pessoas ficassem assustada, com medo, e tal terror, essa é a impressão que a gente ficava.

FERNANDA: Uhum. Entendi, e Jose Maria, depois, quando que foi exatamente que você deixou Miradouro?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Foi em outubro de 89.

FERNANDA: Uhum. E entre 86 e 89 durante todo esse tempo você ficou na presidência do sindicato?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Sim.

FERNANDA: E nesse período você lembra de outras mortes, de outros atentados ou agressões aos trabalhadores rurais, assim mais marcantes, mais violentas?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Porque assim.

FERNANDA: Além dessas que a gente já conversou?

JOSE MARIA DOS SANTOS: A nível nacional?

FERNANDA: Como é que?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Vale agressão a nível nacional ou não?

FERNANDA: Não, não, mais na região mesmo, na região de Miradouro.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Na região mesmo, o mais a impressão que a gente tinha nesse período, a gente estava vivendo um período de muita fragilidade, a gente estava vivendo um período de fragilidade político, como a gente esta vivendo nesse momento na época certo. Porque nos estamos em um período de transição, da ditadura para a democracia, então você tinha a principio, começando o aparato onde esta muito vivo essa ideia da ditadura, da esse resquício ainda muito vivo né. E daí a ideia da criação do sindicato mexe com todo mundo, a gente não estava nos sentido seguro nesse período e isso é uma avaliação que a gente fazia, porque o conjunto de mortes que estava se dando naquele período a nível nacional, era muito forte ta certo. Era algo coisa do momento, você estava vivendo uma instabilidade, então você tem no norte do país, no Pará, guarda, vai lá policia e mata, e a gente sabe que não da em nada, vai lá, porque o judiciário desse momento, o poder político fazendo pressão nesse momento, esta fragilizado, e não tem nenhuma autoridade para poder lá então a

policia vai lá e mata, então naquele período era um período de transição com a ditadura com a democracia, então era um período de muita instabilidade. O poder publico, o Tancredo que queria assumir morre né, e ai o que acontece, por exemplo, foi à morte do padre Eutemo, morte de um monte de outros companheiros a nível nacional, e mesmo em nível de companheiros de estado, e essa ameaça era muito concreta né, então o poder que tinha o poder de fogo, Antonio cadete e outros políticos do poder nesse período, ele tinha o acesso a avaliação que eles apresentavam poder, portanto cometer um crime desse não ia dar em nada em função do que decretou a conjuntura a nível nacional, estava muito fragilizado né. Ou seja, você tinha pensar na policia federal, algo coisa nesse sentido para você, por exemplo, imaginar que esse crime teria se dado, e isso não ia assim. E a gente então começou a fazer na época, uma reflexão na época que o numero de mártires com relação (incompreensível) já estava superado, não podia ter tido uma liderança, não podia ter uma liderança. E ai a ideia de preservação da vida, começa a aparecer com um dedo muito forte para a gente na época.

FERNANDA: Uhum, e ai por isso você teve que sair né?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Eu tive que sair, tive que sair. Na verdade eu só fui dar conta da gravidade disso, depois que eu sai né, na época no auge, você esta cheio de projeto, cheio de objetivo, cheio de convicção né, e ai você acaba... não é fraquejando, você acaba as vezes deixando passar coisas séria em branco né.

FERNANDA: Uhum. Ta ótimo. Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar Jose Maria que der repente eu não tenha perguntado?

JOSE MARIA DOS SANTOS: Eu gostaria de uma coisa, seu nome, por favor, de novo?

FERNANDA.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Oh **FERNANDA**, eu só gostaria de uma coisa, após o seu relatório, se chegar produzir um documento, ou documentário, se fosse possível ter acesso a esse documentário, para mim seria extremamente importante ter esse registro.

FERNANDA: Claro, claro, a gente vai encaminhar sim a todo mundo que ajudou a gente, prestando depoimento, com documentos, tudo isso a gente vai compartilhar sim.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Ah ta. Sabe por que, eu completo agora, eu completei 60 anos de janeiro passado agora, e uma coisa que me deixa preocupado, é que



assim tem alguns companheiros que escreveram um pouco da história da região da comunidade, e tal, quando estudante de história, no exercício do curso, a gente tem aquela ideia de estar acompanhando a documentação, de estar registrando esse tipo de coisa né. Então para mim seria um papel muito importante se fosse possível ter acesso a essa documentação em função dessa documentação histórica.

FERNANDA: Ah, claro, vai ser muito bom, inclusive para a gente ter essa leitura de vocês que participaram né ativamente dessa luta, depois ter o retorno também de vocês sobre o material que a gente vai produzir, deve ser concluído o relatório até o fim desse ano, e isso já deve estar concluído e a gente já vai divulgar.

JOSE MARIA DOS SANTOS: Tá ok, muito obrigado então.

FERNANDA: Eu que agradeço Jose Maria, eu vou encerrar aqui a gravação, só um minutinho, se você puder me aguardar na linha.